

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
CENTRO INTERDISCIPLINAR DE TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MÍDIAS NA EDUCAÇÃO

Tanize Schroeder Paz

**CURTA NA ESCOLA:**  
**Dois olhares sobre a epopeia de Canudos**

Porto Alegre, novembro de 2012.

**TANIZE SCHROEDER PAZ**

**CURTA NA ESCOLA:  
DOIS OLHARES SOBRE A  
EPOPEIA DE CANUDOS**

Monografia apresentada como requisito parcial para a obtenção de grau de Especialista em Mídias na Educação, pelo Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – CINTED/UFRGS.

*Orientador:*

*Marcelo Magalhães Foohs*

Porto Alegre

2012

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Dr. Carlos Alexandre Netto

Vice-Reitor: Prof. Dr. Rui Vicente Oppermann

Pró –Reitor de Pós-Graduação: Prof. Dr. Aldo Bolten Lucion

Diretora do Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação:

Profa. Dra. Rosa Maria Vicari

Coordenador (as) do curso de Especialização em Mídias na Educação:

Profas.Dras. Rosa Vicari e Liane Margarida Rockenbach Tarouco

## Resumo

Esta monografia investigou sobre as formas de utilização da produção cinematográfica na construção do conhecimento histórico. Seu objetivo foi analisar os limites e possibilidades da utilização desta ferramenta midiática com a finalidade de construir práticas pedagógicas contextualizadas e problematizadoras para o desenvolvimento de educandos críticos e conscientes de seu papel cidadão dentro de sua comunidade escolar. Verificou-se também como a historiografia e suas principais correntes avaliam a possibilidade da utilização do cinema como uma forma de abordar temáticas históricas, além de buscar um referencial teórico que legitimasse a pesquisa através da utilização de conceitos da Educom e das pesquisas pedagógicas de Piaget que, através do desenvolvimento da teoria construtivista, possibilitou que muitos professores reavaliassem sua prática pedagógica promovendo novos olhares e novas maneiras de perceber os educandos. Nesse sentido, o professor passa a privilegiar as conquistas dos alunos, colocando-se no papel de mediador da construção do saber e não um simples transmissor de conceitos e ideias. Após essas reflexões foram analisados dois curtas metragens que integram o acervo do projeto Curta Petrobrás. O acervo do projeto Curta Petrobrás foi escolhido por possuir obras e ferramentas que procuram evidenciar o caráter pedagógico das produções, além de serem obras com tempo reduzidos que favorecem a sua reprodução durante os períodos de aulas. A temática escolhida na seleção dos curtas metragens foi o episódio histórico conhecido como Guerra de Canudos, evento histórico ocorrido na segunda metade do século XIX, durante o período de consolidação da República no Brasil. O assunto foi escolhido por ser apresentado em duas obras, o que possibilitou duas visões e dois níveis de interpretação diferentes. Essas interpretações diferenciadas enriqueceram a pesquisa. Além dos itens citados, o assunto Canudos costuma ser uma temática recorrente entre os conteúdos presentes nas grades curriculares da disciplina de história ao longo do Ensino Fundamental. Para a realização da pesquisa, a metodologia de trabalho escolhida foi uma pesquisa bibliográfica sobre os temas acima citados uma vez que foi necessário realizar uma revisão de literatura e uma reflexão de diferentes posicionamentos sobre as temáticas. A partir de então conclui-se que a postura do professor é essencial para que alunos se apropriem do conhecimento proposto, o domínio das tecnologias, a utilização de obras cinematográficas de maneira contextualizada e um referencial teórico consciente resultará em práticas docentes realmente produtivas.

Palavras-chave: educação, conhecimento historiográfico, tecnologias, filme, linguagem audio-visual, curta metragem, juventude e escola, meios-de-comunicação.

## **Lista de Figuras**

Figura 1- Migração Sertaneja .....28

Figura 2- Luta e morte em Canudos.....36

# Sumário

<b>RESUMO</b> .....	04
<b>LISTA DE FIGURAS</b> .....	05
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	07
<b>OBJETIVOS</b> .....	08
<b>FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b> .....	10
<b>REVISÃO DE LITERATURA</b> .....	16
4.1 O Cinema na Historiografia.....	16
4.2 Historiador/educador e o Cinema.....	18
4.3 O Cinema na Escola.....	20
<b>ANÁLISE/DESCRIÇÃO DO CURTA METRAGEM</b> .....	23
5.1 Critérios de Seleção.....	23
5.2 Guerra de Canudos – Conceito Histórico.....	24
5.3 Análise do Curta o Arraial.....	27
5.4 Análise do Curta na Terra do Sol.....	30
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	32
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	33
<b>ANEXOS</b> .....	36

# 1 Introdução

Este trabalho pretende realizar uma reflexão sobre alguns elementos que norteiam a utilização das tecnologias nas salas de aulas. Dentre elas, uma tecnologia bastante difundida: o cinema dentro do espaço escolar.

O objetivo é analisar seu impacto na elaboração do conhecimento historiográfico, a compreensão das limitações e possibilidades de utilização desta ferramenta midiática, além de sua utilização contextualizada e problematizadora que é elemento fundamental para desenvolvermos ações pedagógicas criativas e significativas para nossos alunos. Talvez este seja o maior desafio dos educadores na atualidade: a construção do conhecimento e do pensamento crítico por parte dos nossos educandos. Nesse contexto se faz necessário realizar uma reflexão de como esse objetivo pode ser alcançado, ressaltando a importância das mídias e, especialmente, do cinema nessa tarefa.

Para esta tarefa, a pesquisa bibliográfica sobre o tema possibilitou uma maior análise/reflexão do pesquisador sobre seu objeto de estudo que no caso foi uma reflexão sobre a utilização de filmes do projeto Curta na Escola como ferramenta de conhecimento histórico.

A escolha da análise do cinema como um recurso didático se deu por esta tecnologia estar bastante difundida no ambiente educacional, não só na disciplina de história, como uma ferramenta na construção ou reconstrução do saber, no caso deste projeto de pesquisa: o conhecimento histórico.

A estrutura do trabalho será composta de duas etapas: a primeira propõe-se a uma reflexão sobre uma fundamentação teórica que legitime a construção do trabalho de pesquisa e a segunda que propõe-se efetivamente a uma análise sobre a contribuição do **projeto Curta na Escola** como uma alternativa midiática na construção do conhecimento.

Nesta segunda etapa pretende-se realizar análise sobre as possibilidades e também limitações da utilização de dois curtas metragens que abordam temas históricos. Para o trabalho em questão foram selecionados duas produções que abordam a temática do conflito e destruição do Arraial de Canudos, evento histórico ocorrido no sertão da Bahia no final do século XIX e que resultou na morte de quase vinte cinco mil pessoas.

## 2 Objetivos

O objetivo do trabalho será uma reflexão sobre como duas obras do projeto Curta na Escola podem contribuir para a construção do conhecimento historiográfico. Realizar uma análise sobre as possibilidades e limitações que estas ferramentas podem nos oferecer, propor uma revisão de literatura sobre o assunto, bem como uma fundamentação teórica adequada a esta temática.

Nesse sentido darei ênfase à Educomunicação como teoria de ensino que legitima a utilização de ferramentas midiáticas na construção de saber por parte dos educandos. Analisar os elementos que norteiam esta percepção de saber que deve estar baseado em relações dialógicas e na utilização das mais diferentes ferramentas tecnológicas e midiáticas.

O trabalho pretende realizar também uma reflexão sobre as teorias epistemológicas das correntes pedagógicas que surgiram a partir do pensamento de Piaget que destacam como centro do processo educativo o aluno. Educando que deve ser estimulado em todos os níveis de seu desenvolvimento para tornar-se um sujeito ativo, crítico e responsável pelo seu desenvolvimento cognitivo e não somente um mero repetidor de comportamentos e atitudes.

Mesmo hoje, com a educação permeada pela cibercultura e a utilização das novas tecnologias da informação e comunicação nas salas de aula, uma reflexão sobre o cinema pode ser considerada ultrapassada, no entanto, Duarte (2007) relata que somente a partir da década de oitenta é que as pesquisas acadêmicas iniciaram uma reflexão sobre a utilização da imagem cinematográfica no espaço escolar.

Nesse contexto, por mídia entende-se um conjunto de materiais que podem e devem ser utilizados na construção de conhecimentos culturais. Este conjunto pode ser integrado por diversos materiais como: quadrinhos, a televisão e sua programação, filmes, CDs, DVDs, arquivos digitais, sites da Internet, revistas e outros. Em nossa sociedade

(escola e família) estes elementos funcionam como emissores de valores e formadores de padrões e normas de conduta.

A proposta deste trabalho será a de comparar duas obras do Projeto Curta na Escola sobre a temática do conflito histórico de Canudos, um retrato violento do nordeste brasileiro em um momento de consolidação política (recém proclamada República no Brasil), onde estima-se que cerca de vinte cinco mil pessoas perderam a vida.

### 3 Fundamentação teórica

Sabe-se que a educação na atualidade passa por um processo de transformação, inclusive questiona-se qual o real papel do educador neste processo. Talvez no momento, o paradigma central na educação encontra-se no pensamento:

“ de um lado e do outro trabalho em que se ensina-e-aprende, há sempre educadores- educandos educando-educadores. De lado a lado se ensina. De lado-a-lado se aprende”. (BRANDÃO, 1988,p.22).

Em um processo educativo contextualizado com mídias, o papel do professor pode ser ainda mais discutido, pois segundo Boff (2004,p.99) “um computador e um robô não tem condições de cuidar do meio ambiente (...), portanto esta é uma tarefa essencialmente humana.”

Nesse contexto, as problematizações, os questionamentos, as intervenções dos alunos são mais importantes na construção do saber, do que a simples transmissão de idéias e valores. O posicionamento crítico, o pensamento dialético, a parceria com os educandos contribuem para que o aprendizado seja significativo para estes. Nesta postura as tecnologias desempenham um papel fundamental já que proporcionam uma infinidade de ferramentas que podem e devem auxiliar na construção do saber, isso ocorre através de novas experiências educativas que não se limitam somente ao espaço escolar.

A partir deste pensamento, encontramos subsídios na corrente de pensamento do biólogo Jean Piaget que, com seus estudos, contribuiu para que os educadores tivessem um novo olhar sobre a forma com que as crianças, os educandos, criam suas conexões e estabelecem relações que resultam na construção do saber.

De acordo com a Teoria Epistemológica de Piaget, o saber é produzido através da interação, da mediação do sujeito com a realidade que esta ao seu redor:

“No construtivismo de Piaget, o processo de construção do conhecimento confunde-se com o próprio processo de constituição e de desenvolvimento do sujeito, na sua relação com o mundo, que é físico e ao mesmo tempo simbólico. Esse sujeito se define como tal a partir do momento em que se constitui junto

com o objeto do conhecimento, que não é apenas, nem necessariamente, físico. Dessa forma, falar em construção do conhecimento significa falar ao mesmo tempo em construção do sujeito que conhece e do objeto a ser conhecido”. (SANCHIS, MAHFOUD,2007, p.2)

Neste sentido, no campo educacional vivenciamos uma quebra de paradigma: o professor deixa de ser o único detentor do saber “verdadeiro” para tornar-se ser um mediador neste contexto. O aluno passa a construir relações com seu objeto de estudo e torna-se sujeito de sua aprendizagem, de sua relação com o mundo.

“(…) o conhecimento repousa em todos os níveis sobre a interação entre o sujeito e os objetos, (…) mesmo quando o conhecimento toma o sujeito como objeto, há construções de interações entre o sujeito-que-conhece e o sujeito conhecido.” (Piaget, 1967 *apud* SANCHIS, MAHAFUD,1997, p.3)

Para que a aprendizagem possa se tornar significativa, para que nossos alunos tornem-se sujeitos de sua aprendizagem, deve partir da realidade e do contexto social na qual nossos alunos estão inseridos. Daí a extrema necessidade de se utilizar novas ferramentas neste trabalho. Precisamos ressaltar para os alunos que a aprendizagem não se realiza somente no espaço escolar, e que a todo momento sofremos interferências nos mais diferentes níveis de saber. Portanto, cabe a eles e seus responsáveis analisar com critério e selecionar as informações relevantes para a construção do saber. É importante que o aluno perceba que o computador, o cinema e outras mídias não servem apenas para o uso da comunicação ou entretenimento, mas o seu significado vai bem mais longe, principalmente se utilizado como ferramenta de conhecimento e educação. De acordo com Paulo Araújo:

“As descobertas de Piaget tiveram grande impacto na pedagogia, mas, de certa forma, demonstraram que a transmissão de conhecimentos é uma possibilidade limitada. Por um lado, não se pode fazer uma criança aprender o que ela ainda não tem condições de absorver. Por outro, mesmo tendo essas condições, não vai se interessar a não ser por conteúdos que lhe façam falta em termos cognitivos.”(ARAÚJO, 2011,p.1)

Talvez o maior desafio de professores na atualidade é ensinar os jovens como transformar informação em conhecimento, além de se posicionar criticamente diante dos fatos. Como afirma Pontuschka, e Cacete:

“ Diante do avanço tecnológico e da enorme gama de informações disponibilizadas pela mídia e pelas redes de computadores, é fundamental saber processar e analisar esses dados. A escola, nesse contexto, cumpre papel importante ao apropriar-se das várias modalidades e linguagens como instrumentos de comunicação, promovendo um processo de decodificação, análise e interpretação de informações desenvolvendo a capacidade do aluno assimilar as mudanças tecnológicas que, entre outros aspectos, implicam também novas formas de aprender.” (PONTUSCHKA, CACETE, 2007, p.78)

Neste sentido cabe ressaltar que informação e educação não são substantivos sinônimos. A informação chega até nós por jornais, revistas, televisão, cinema, Internet, enfim por diferentes mídias. Mas só se transforma efetivamente em conhecimento quando devidamente organizada. A confusão que se faz entre estes dois conceitos, informação e conhecimento, talvez seja o paradoxo mais importante da atualidade: informação chega em toneladas aos nossos educandos e não somente dentro do espaço escolar. Compreender que diferentes formas de representação de comunicação proporcionadas pelas tecnologias, podem criar dinâmicas e estabelecer diálogos entre as diferentes linguagens de mídias, dentre elas o cinema, é uma das tarefas cabíveis aos educadores. Daí a importância do professor em ensinar como transformar, selecionar, determinar os elementos que realmente podem contribuir para a formação de cidadãos críticos e conscientes de seu papel na cidadania. É fundamental fazer com que os alunos utilizem sim as tecnologias para chegar a conclusões significativas em seus estudos, com senso crítico e criatividade.

A Lei 9394/96 estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, em seu artigo 22, aponta o caminho a ser buscado no campo educacional: “ (...) desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores.”

Nesse sentido a Educomunicação contribui para legitimar a reflexão e a práxis da utilização das tecnologias da informação e comunicação no processo educativo. A proposta desta teoria é utilizar mídias como um elemento educacional, através da busca de uma educação voltada para ética, cidadania e postura crítica. Como define Ismar de Oliveira Soares:

“Para tanto, defino, inicialmente, a educomunicação como sendo o conjunto das ações inerentes ao planejamento, implementação e avaliação de processos e produtos destinados a criar e fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos, melhorar o coeficiente comunicativo das ações educativas, desenvolver o espírito crítico dos usuários dos meios de comunicação em massa, usar adequadamente os recursos da informação nas práticas educativas, e ampliar capacidade de expressão das pessoas.” (SOARES, 2003, p.36)

Partindo do referencial sugerido acima, os espaços onde ocorrem essas transformações são chamados de “ecossistemas comunicacionais”, ou seja, espaços de comunicação onde deve prevalecer a relação dialógica, a transdisciplinaridade, a utilização de ferramentas tecnológicas, enfim, construções e reconstruções do pensamento para que os educadores consigam formar pessoas conscientes para o exercício da cidadania:

“ A função do professor será facilitar o surgimento do contexto de compreensão comum e trazer instrumentos procedentes das ciências, do pensamento e das artes para enriquecer este espaço de conhecimento compartilhado, mas nunca substituir o processo de construção dialética desse espaço, impondo suas próprias representações ou cerceando as possibilidades de negociação aberta de todos e de cada um dos elementos que compõe o contexto de compreensão comum. (...) facilitar a participação de todos e de cada um no fórum de trocas simbólicas em que a aula deve se transformar, oferecer instrumentos culturais de maior potencialidade explicativa ( que enriqueçam o debate) e provocar a reflexão sobre as próprias trocas e suas conseqüências para o conhecimento e ação.” ( SACRISTAN, 1998p.62)

Neste sentido, as ações comunicativas passam a ser encarada como elementos entre iguais, onde deve prevalecer a horizontalidade entre educandos e educadores, para que os primeiros tenham acesso à cultura e informação de maneira autônoma e crítica. Essa prática privilegia, portanto, novas formas de aprendizagens, permeadas por recursos tecnológicos e novas relações de comunicação.

Com esse sentido as ações comunicativas se aproximam da teoria da educação defendida por Piaget, ou seja, práticas educativas que privilegiam o significado e sua construção, e não simplesmente a informação.

Neste contexto surge a figura do educador ou mediador cultural que deve tornar-se a um elemento comum entre as ciências da educação e comunicação:

“(…) que sabe que, quando ele introduz os meios como objetos de estudos não é para fazer do aluno um pseudo-jornalista ou um aprendiz-apresentador, mas para ensiná-lo a analisar do triplo ponto de vista do poder econômico e ético ( político) que os produz, das montagens do discurso e da cena que constrói mensagens e da audiências que lhes dá sentido. Ou seja, profissional que aceita um novo referencial para a relação educador-educando: o aluno pode ensinar o mestre ( principalmente a manipulação das novas tecnologias), os alunos podem ensinar uns aos outros, principalmente confrontando seus pontos de vista ou suas fontes de informações ou suas soluções para o problema proposto, em diálogo direto.”(JACQUINOT,1998 *apud* SOARES, 1999, p.10)

Podemos constatar portanto, que novamente apresenta-se reflexões sobre o real papel do educador na atualidade, não mais o detentor do saber, mas aquele que proporciona situações em que os educandos podem efetivamente tornar-se sujeitos de sua aprendizagem.

## 4 Revisão de Literatura

### 4.1 Cinema na historiografia:

A história do cinema iniciou com a invenção do cinematográfico (aparelho que filmava e projetava imagens em uma superfície) no ano de 1895. Inicialmente mudo, a partir dos anos de 1920, as películas passaram a ter som sincronizado com as imagens, tornando-se ainda mais atrativos para as grandes massas populares.

“A sétima arte como é conhecido o cinema, surgiu no fim do século XIX, como uma consequência de avanços científicos e do aperfeiçoamento de técnicas de projeção de imagens desenvolvidas por diversos cientistas” (MOCELLIN, 2009, p.9). No entanto, durante muito tempo questionou-se o papel “didático” do cinema. Ainda no início do século XX, o cinema foi encarado como uma espécie de arte menor, com um certo desprezo pelas elites intelectuais dos Estados Unidos e dos países Europeus. O cinema inicialmente era visto como uma simples inovação técnica e uma forma de diversão popular.

O início dos estudos sobre o cinema como uma ferramenta pedagógica ou material que pudesse favorecer a prática didática datam das pesquisas citadas na obra de Mocellin, realizadas pela pesquisadora norte-americana de Elizabeth Laine:

“Ainda na primeira metade do século XX, algumas escolas começaram a utilizar filmes como material didático: em 1938, Elizabeth Laine publicou nos Estados Unidos, os resultados dos primeiros estudos empíricos realizados em centros educacionais de todo país sobre a utilização de imagens e de som na educação. A metodologia comum nestes estudos consistia em comparar, por meio de testes orais e escritos, os avanços de classes inteiras nas quais estes meios havia sido utilizados com classes que ainda não os houvessem utilizado. Os resultados, segundo a autora, indicavam um aumento de retenção do aprendizado entre 20% e 27%.” (MOCELLIN, 2009,p. 10)

Esta é, portanto, uma discussão bastante antiga, não cabe aqui analisar o caráter político ou comercial do cinema, mas a partir dos estudos de Elizabeth Laine, a chamada indústria cinematográfica passou a perceber o potencial econômico da produção de filmes didáticos.

No Brasil, o pioneirismo da utilização do cinema como ferramenta pedagógica deve-se aos intelectuais da chamada Escola Nova ou Escola Progressista, que promoviam um novo paradigma educacional não mais centrado na figura do professor como detentor e transmissor de saber, ou seja das práticas tradicionalistas de educação. No entanto, uma reflexão sobre a não utilização ou sobre a má utilização do cinema como ferramenta pedagógica, ou sobre os caminhos metodológicos que esta ferramenta pode proporcionar só passaram efetivamente a se desenvolver no Brasil a partir de 1990:

“Longe de tratar o cinema apenas como mais um recurso didático-pedagógico, entretanto, a escola precisa assimilar a idéia de que a educação e o cinema são formas similares de socialização: há um paralelo entre as relações construídas por alunos e professores e as relações construídas entre espectadores e filmes. Nesse sentido, o professor de História de certa forma concorre com aquilo que o aluno aprende no cinema e em outras mídias – inclusive TV e Internet – que constituem um poderoso meio de influencia.”( MOCELLIN, 2009, p.11)

Durante muito tempo os historiadores negaram o caráter de documento histórico à produção historiográfica. A história positivista, dominante nas escolas historiográficas até os anos setenta, considerava o cinema como uma forma de “distorção do passado”, portanto, impregnado de subjetividade.

A partir dos anos setenta, a revolução historiográfica que a Escola dos *Annales* proporcionou a adoção de novos conceitos, métodos e objetos de estudos não mais limitados pela história dos grandes personagens ou datas. De acordo com Ferreira e Franco:

“ Em nome de uma história total, uma nova geração de historiadores, que mais tarde ficou conhecida como a *École des Annales* (Escola dos *Annales*), passou a questionar a hegemonia da História política, atribuindo-lhe um número infindável de defeitos: era elitista, anedótica, individualista, subjetiva, factual. Em contrapartida, esse grupo defendia uma nova concepção, em que o econômico e o social ocupavam um lugar privilegiado. Dentro dessa perspectiva, novos objetos e

novas fontes passaram a ser incorporadas e a fornecer novas visões aos estudos históricos.” (FRANCO,2009, p. 45)

Esse pensamento favoreceu a ampliação de novas fontes de investigação histórica, dentre elas a utilização de imagens cinematográficas. Neste sentido, destaca-se a colaboração da chamada corrente historiográfica da História Nova, que como movimento, procurava ressaltar que a história está presente em todos os segmentos da vida humana, ou seja permitiu que se ampliasse potencialmente as fontes, ou seja, todos elementos podem sofrer a verificação dos historiadores para a produção do conhecimento historiográfico:

“Na França, ainda que de forma bem controversa, o movimento de renovação historiográfica ficou conhecido como a terceira geração dos *Annales*. Vindos do interior dos *Annales*, esses autores procuravam contestar categorias conceituais consideradas abstratas e generalizadas de mais, como estrutura e mentalidade. O termo História nova, em francês *nouvelle histoire*, foi ganhando espaço para designar essa então recente tendência da academia francesa. Alguns dos principais defensores forma Jacques Le Goff, Pierre Nora, Marc Ferro, Emmanuel Le Roy Ladurie, Roger Cartier, dentre outros. O privilégio dado às novas possibilidades de análise histórica pode ser percebido já no título de uma coletânea de artigos, lançada em 1974, por Jaques Le Goff e Pierre Nora, história: novos problemas, novas abordagens, novos objetos. ( FERREIRA e FRANCO, 2009, p. 51)

A partir desses pensadores houve o reconhecimento de uma teoria historiográfica de que toda e qualquer intervenção ou construção humana pudesse tornar-se um objeto de estudo da história. História agora não mais limitada pelos feitos dos grandes nomes ou dos grandes eventos.

## 4.2 Historiador/educador e o cinema

O pioneirismo dos estudos históricos em obras cinematográficas cabe, ao historiador Marc Ferro(1974). Segundo a historiadora Cristiane Nova, a partir dos anos setenta, vários trabalhos relacionaram imagem/história:

“a história da imagem; a imagem como agente da história; a imagem como testemunho (documento) do presente; a imagem como modalidade de discursos sobre o passado; a produção de discursos audiovisuais como meio de expressão do historiador; a utilização das imagens no ensino da história.” (NOVA, 2000, p.144-145)

A postura tradicionalista de muitos historiadores ainda uma herança positivista de não utilizar filmes como uma forma de construção histórica reside no fato deste possuir um comprometimento com o entretenimento. A bordando esta questão, Rosenstone fala:

“Reconhecer que existe mais de uma verdade histórica, ou que a verdade que trazem os audiovisuais pode ser diferente, porém não necessariamente antagônica da verdade escrita.” (ROSENSTONE,1998, p.115)

A isso soma-se o fato de que as obras cinematográficas são realizadas por diretores, não necessariamente historiadores e que devem ressaltar elementos atrativos para o público. Dessa forma, a idéia de que o filme de constituição histórica, seja ele ficcional ou documentário, é um questionamento que este trabalho pretende realizar. A idéia principal é analisar o cinema como fonte potencial, como mais uma ferramenta na construção do saber, portanto deverá estar sobre o crivo da análise e de avaliação. Nesse sentido, o filme pode ser considerado, independente de seu gênero, um reflexo de um produto de seu tempo, daí o início de qualquer pesquisa do gênero. No entanto, apesar de os meios audiovisuais já estarem totalmente integrados na sociedade, o cinema nunca foi visto pelo setor educacional como fonte de conhecimento, porque os professores ainda vêem a produção cinematográfica meramente como diversão e entretenimento, subutilizando seus recursos.

“Os filmes podem passar a idéia de uma produção fiel da realidade histórica, mas nada é mais enganador, porque eles não são evidentemente em si mesmos, mas uma construção que modifica a realidade por meio da articulação de imagens, palavras, sons e movimentos. Os elementos relacionados à produção (

iluminação, enquadramento, movimentos de câmera, cores) fazem parte da linguagem fílmica, que também transforma e interpreta a realidade, devem igualmente ser objeto de crítica, porque como qualquer filme, selecionam, privilegiam e negligenciam conforme as preferências do seu realizador. O filme, compreendido como um objeto de análise, traz consigo aspectos que ultrapassam os objetivos de que os criou, porque sua produção está sempre inserida numa realidade histórica. Sua realização como recurso didático pressupõe um exercício crítico no qual professores e alunos deverão tornar-se aptos a ler. Considerando esses elementos, o filme pode ser um poderoso aliado para a discussão de comportamentos, visões de mundo, valores e identidades de uma sociedade em um dado momento histórico.” (FRANCO e FERREIRA, 2009,p.128)

Em obras consideradas como “filmes históricos”, encontramos mais um questionamento no sentido de que estas produções podem e constantemente misturam a ficção com a realidade. Ainda de acordo com Ferreira:

” o filme pode reafirmar clichês, desconstruir ou criar novas memórias, mesclando realidade e ficção sem grandes transtornos. Assim, o filme seleciona, exulta ou esconde elementos do passado sem precisar justificar-se em termos de comprovação.” (FERREIRA,2009, p. 128)

Como a História não é imparcial o filme torna-se um agente na medida em que pode interferir, tornar agente das mudanças que julga necessária no presente e do presente, além de reelaborar o passado de maneira que este legitime seus interesses na atualidade.

Quando relacionamos construção do conhecimento com o cinema não existem respostas únicas ou corretas sobre determinada cena ou sobre determinado filme. O que podemos proporcionar aos nossos educandos é explicar que o que vemos é que “ há ali uma realidade efetivamente criada pelo cinema, por um cineasta, pelos diretores, os quais pensam com e por imagens” ( FISCHER, 2008, p.54).

### 4.3 Cinema na escola

A comunicação e a tecnologia são elementos de um grande processo de transformação da sociedade contemporânea. Como as mudanças tecnológicas atuam e transformam-se numa veloz rapidez, isso assusta aqueles agentes sociais que relutam em mudar, em construir novos diálogos, em novas maneiras de ver a vida.

Neste sentido, a Educação passa a ser encarada como um conceito mutante, em constante formação e transformação, e que cada vez se realiza fora do tradicional espaço escolar. A partir desta ideia pode-se dizer que em todos os ambientes onde haja produção cultural, linguagens, comunicação podem e devem tornar-se locais de aprendizagem. Partindo desta premissa, o caráter pedagógico das mídias não pode ser encarado como simples meio de informação uma vez que são agentes diretos da construção do conhecimento: “eles são produzidos e também tornam-se grandes produtores de saber, de formas de se comunicar e de construir saberes”.( FISCHER, 2002, p.158)

O cinema pode ser utilizado pelos historiadores como fonte documental, tendo sempre claro para o pesquisador quais são suas limitações. Não se pode negar a importância da imagem em uma sociedade essencialmente visual como a nossa. De acordo com Mocellin:

“ O fato é que, quer o professor de História utilize filmes em sala de aula, quer não, o cinema ensina versões muitas vezes deturpadas e carregadas de ideologias capazes de modificar seu modo de perceber o passado, a realidade, as sociedades e suas crenças e conflitos. É necessário aprofundar o estudo das idéias e influências que moldem a cultura de todos os membros da sociedade, inclusive as aprendidas por meio do cinema.” (MOCELLIN, 2009, p.11)

Na humanidade, a necessidade de expressar-se, de ressaltar a imagem esteve presente desde os primeiros vestígios de pinturas rupestres, nos movimentos artísticos como o Renascimento e depois com a dinâmica da fotografia, o cinema e a Internet.

De acordo com os PCN, a disciplina de História não se limita ao espaço escolar: os alunos têm acesso, ainda mais facilitados pelas tecnologias, às inúmeras informações e imagens dos mais diferentes meios, meios estes que difundem datas, personagens,

costumes que os incentivam a refletir sobre diferentes meios de vivência e contextos. O papel da escola e do professor neste processo reside em ensinar o caminho para transformação da informação em conhecimento, em senso crítico:

“películas nos permitem contemplar paisagens, ouvir ruídos, sentir emoções através dos semblantes dos personagens ou assistir a conflitos individuais ou coletivos. Sem desdenhar do poder da palavra deve-se defender a capacidade de reconstrução de outros meios.”(ROSENSTONE, 1998. p. 110)

Ao utilizar filmes, documentários, curtas metragens para auxiliar a construção do conhecimento por parte de nossos educandos, é necessário que o professor se proponha a realizar uma série de tarefas prévias para que a determinada utilização seja mesmo coerente com os objetivos. Para que a utilização da ferramenta cinematográfica seja um recurso eficiente surge a necessidade de um conhecimento prévio sobre a determinada produção para adequação da proposta aos objetivos que se deseja alcançar, perceber qual a cultura cinematográfica que os educandos trazem para aula, além de uma postura rigorosa quanto aos critérios, objetivos a serem utilizados. Neste sentido destaca-se como cultura cinematográfica:

“Temos visto ultimamente iniciativas que procurem pensar o cinema não somente como um artefato da indústria cultural, mas como um elemento artístico produzido pela(s) cultura(s). A acepção de cultura de que falo aqui, não é a primeira concepção que tem a ver com a natureza, com o modo com o qual o homem intervém sobre a natureza do outro para agir conforme a sociedade na qual ele está inserido.” (CHAUI, 2006 p45.).

A previsão de tempo de duração também é importante, uma vez que, se o filme ou documentário for muito longo ou exibi-lo na íntegra pode ser cansativo e alguns trechos podem ficar descontextualizados ou segmentados e os alunos podem dispersar-se com facilidade. Já se for muito curto, podem ficar com tempo ocioso, criando até mesmo problemas de ordem disciplinar para o professor. Valendo-se dessa ferramenta de maneira racional, com critérios, nunca como substituto do professor ou do conteúdo, mas como recurso auxiliar, complementar, para

problematizar, para discussão, enfim para a produção do saber a utilização do cinema como ferramenta de estudo com certeza será produtiva.

Outro aspecto importante é adequar o filme aos seus telespectadores para que tenham discernimento e maturidade, antes de tudo é necessário assistir, selecionar, alertar e preparar o público para o que será assistido. Os filmes são representações da realidade e, quando a realidade é transportada para imagem, apresenta-se como um ponto de vista segmentado, impregnado de subjetividade.

A partir destes critérios de seleção, os filmes do projeto Curta na Escola tornam-se uma ferramenta ideal uma vez que o projeto conta com obras que em média possuem uma duração de cerca de quinze minutos. Nas escolas, em geral, a média de tempo de duração de uma aula é de cerca de quarenta e cinco a sessenta minutos, portanto, os filmes além de um tempo coerente com relação a hora-aula, pode ser utilizado tanto como introdução de um conteúdo ou como o encerramento. Além disso, pode também ser utilizado como fonte adicional de informação e também como tema gerador de debates.

## **5 Análise/descrição do curta metragem**

### **5.1 Critério de seleção**

O projeto Curta na Escola surgiu em 2006 como um núcleo, um desdobramento, do projeto inicial Porta Curta Petrobrás 2002 que previa o financiamento de curtas metragens de cineastas brasileiro.

O projeto tem por finalidade básica incentivar a utilização de curtas metragens brasileiros dentro do espaço escolar. O projeto proporciona aos educadores indicações sobre o uso pedagógico ou didático do acervo através de elementos como: ficha técnica dos filmes, faixa etária, transcrição de roteiros, suas possíveis aplicabilidades. Através da seção plano de aula, o educador encontra uma descrição sobre quais áreas do conhecimento podem ser trabalhadas a partir do conteúdo do vídeo, temas transversais, e outras especificações. De acordo com Elaine Pereira:

"Trabalhar com recursos audiovisuais nas diversas áreas do conhecimento tornou-se uma imposição dos tempos atuais. As possibilidades de uso do cinema na escola são inúmeras, já que ocorrem muitas conexões com Literatura, História, Artes e Temas Transversais. Não é novidade que podemos falar das possibilidades de uso de filmes em qualquer contexto educacional. (...) mas apresentar um filme como forma de ilustrar um conteúdo de forma tradicional pode se mostrar tão ineficaz quanto a adoção de alguns livros didáticos. (...) Essa é uma questão urgente que exige criatividade, ousadia, experimentação, o que, normalmente, nos deixa inseguros. Como todas as ações em Educação, um trabalho de troca e reflexão entre educadores promove a ampliação das possibilidades didáticas de uso das obras." ( PEREIRA, 2006,p.1)

Além da importância da utilização de recursos midiáticos e audiovisuais, os curtas, por serem produzidos no Brasil, por cineastas, produtores e diretores brasileiros, proporcionam ao seu público, seja dentro do espaço escolar ou não, um fragmento da realidade do cotidiano, do imaginário, enfim, do modo de ser e de viver do povo brasileiro.

A variedade de temáticas, produções que vem das mais diferentes partes do país, com suas linguagens regionais características, costumes, tradições, contribuem para a construção de um diagnóstico, de um retrato cultural do país.

Como mais um ponto positivo da iniciativa deste projeto, gostaria de destacar as possibilidades de interatividade que ele proporciona aos educadores. O relato de experiências, comentários, debates, discussões nos fóruns, banco de dados de experiências no ambiente virtual permitem que os profissionais da educação encontrem subsídios para uma prática educativa que seja coerente com seus objetivos e com os conceitos que deseja desenvolver com seus educandos. A isso se soma a possibilidade da divulgação do que os professores estão produzindo dentro das escolas, uma vez que uma série de trabalhos maravilhosos, produzidos por professores e alunos de todo Brasil não encontra um canal de divulgação ficando limitado dentro das comunidades escolares Brasil a fora.

O Projeto Curta permite que professores e escolas, após a realização de cadastro, postem seus planos de aula, trabalhos e suas impressões sobre os curtas utilizados, além da ficha técnica das obras, acesso a transcrição dos roteiros e elementos adicionais sobre os curtas postados.

## **5.2 Guerra de Canudos contexto histórico**

Segundo o autor Marco Antonio Villa, a Guerra de Canudos foi um conflito travado no final do século XIX, no sertão da Bahia entre as forças do exército republicano e a comunidade religiosa que seguia Antônio Conselheiro. A narrativa mais conhecida deste evento histórico encontra-se na obra literária *Os Sertões* de Euclides da Cunha, que sem dúvida, apesar de não ser obra de caráter historiográfico, conseguiu preservar na memória nacional a saga de Antônio Conselheiro e seu povo, vítimas das dificuldades econômicas do período, da seca, do abandono político e da opressão latifundiária do Nordeste.

O personagem histórico conhecido como Antônio Conselheiro, nasceu Antônio Vicente Mendes Maciel, por volta de 1830, em Quixerambolim no Ceará. Já adulto,

Antônio exerceu as profissões de comerciante, professor, advogado e empregado em lojas comerciais. Por volta de 1871 iniciou suas peregrinações pelo sertão, percorreu o interior de Pernambuco, Bahia e Sergipe pregando mensagens religiosas e aconselhando os sertanejos, além coordenar uma série de tarefas comunitárias como: construção de casas, açudes, reformas de igreja e cemitérios, colheitas agrícolas, enfim, tarefas que o tornavam popular em meio as populações carentes do sertão nordestino.

Com a realização destas tarefas a influência de Antônio como pregador crescia, por onde andava, nos percursos que fazia ia arregimentando seguidores que passavam a acompanhá-lo pelo sertão. A partir deste momento, Antônio deixa de ser um simples homem para tornar-se o beato Antônio Conselheiro caracterizado por uma religiosidade de caráter fortemente popular, além de possuir grande influência sobre aqueles que o seguiam.

Quando Antônio Conselheiro iniciou suas peregrinações pelo sertão, na segunda metade do século XIX, o catolicismo era a religião oficial do Brasil. Com o apoio do Estado, vários missionários vinham para o Brasil para reforçar a postura da Igreja como instituição. Nessa tentativa de consolidação do poder da Igreja Católica, eles combatiam crenças populares e as figuras dos beatos e lideranças religiosas que, como Antônio Conselheiro, pregavam o Evangelho vagando pelos campos e pelas cidades.

Ao contrário do catolicismo praticado pelas Igrejas, com regras e cerimônias, os beatos pregavam uma fé espontânea, muito próxima do cristianismo primitivo, livre da disciplina dos clérigos e do domínio político e econômico das elites locais do nordeste. Portanto, essa fé espontânea, essa religiosidade independente deveria ser combatida.

“Penso que talvez seja essa a grande novidade do Cristianismo, uma liberdade que nada e ninguém pode tomar do homem. Jesus oferece a maior forma de resistência em meio as diversas formas de domínio. Segundo o Livro dos Atos dos Apóstolos é esta força que os impulsiona à caminhada da comunidade primitiva de levar o Evangelho ao mundo (Atos:1,6:8). Jesus leva o conhecimento a massa que unida, e acreditando em uma força que os torna livres e fortes vence a tradição judaica e torna-se a salvação para um Império que se encontra decadente. A última problemática que levanto é: Estas comunidades ao serem toleradas e mais adiante aceitas pelo Império Romano, muda ou persiste em sua missão?” (Silva,2009, p.44)

No ano de 1893, Antônio Conselheiro e seu grupo decidiram fundar um povoado comunitário na Bahia, o local escolhido foi a fazenda Canudos, após batizada com o nome de Belo Monte. Em Canudos, Antônio Conselheiro e seus seguidores organizaram uma economia de base comunitária, em que as tarefas eram divididas entre todos membros do grupo, que contavam com profissionais liberais, professores, artesãos e outros, que mantinham relações comerciais regulares com as cidades da região. De acordo com Vanessa Monteiro:

“É neste momento de profundas transformações que tem início a Guerra de Canudos onde a República recém proclamada enfrentará sucessivas derrotas de uma comunidade de sertanejos que, no sertão da Bahia fundara sua aldeia, suas próprias leis e sua própria ordem. Em Belo Monte a polícia não entrava não se pagavam impostos e a palavra do Conselheiro bastava para estabelecer a ordem e as regras de convivência. Era um território que não estava submetido a lógica instituída pela República. Por isso mesmo, uma ameaça. A comunidade é identificada pelos homens da República como local de desordem, de atavismo, um atraso que era preciso combater.”(MONTEIRO,2009, pg.1)

Com essa postura, Canudos passou a se tornar uma ameaça ao poder dos coronéis nordestinos e da Igreja Católica que cada vez mais perdia fiéis para seus rituais. Contando com o apoio do governo republicano que considerava Conselheiro um monarquista, foram organizadas expedições militares para destruir Belo Monte. As três primeiras expedições, apesar da superioridade numérica e bélica dos militares republicanos, fracassaram em sua tentativa de destruir o Arraial de Canudos.

Somente na quarta expedição, realizada no ano de 1897 e comandada pelo general Artur Oscar, é que as forças imperialistas conseguiram a destruição do arraial. A expedição reuniu mais de dez mil homens em cerca de quatro meses de combates. Mesmo após o fim do arraial de Canudos, a campanha de destruição dos conselheiristas continuou. Essa atitude seria uma espécie de aviso de como seriam tratados os demais dissidentes da Igreja católica, da República recém instalada e do poder dos chamados coronéis nordestinos.

Dentro do acervo do Projeto Curta na Escola escolhi dois filmes que representam essa temática: o Arraial e Na Terra do Sol. Duas representações bem distintas, uma como uma animação, e outra como filme ficcional.

A escolha por curtas que abordam a temática sobre o Arraial de Canudos deu-se por este assunto ser um tema comum nas salas de aula, principalmente nas oitavas séries, levando em consideração o conteúdo curricular de minha escola. Além deste fator, o fato de encontrarmos duas leituras diferentes dentro projeto pode enriquecer a análise deste trabalho.

### 5.3 Análise do curta O Arraial

O primeiro curta analisado foi O Arraial, uma animação de Otto Guerra e Adalgiza Luz do ano de 1997 com treze minutos de duração. Como animação, pode ser assistido por alunos do Ensino Fundamental, uma vez a linguagem é relativamente simples e as imagens, trilha sonora, o vocabulário utilizado pela personagem da menina retirante ajudam a compreender o significado da mensagem e os conceitos históricos, que poderiam ser trabalhados previamente ou, posteriormente, de acordo com a proposta de trabalho pedagógico do professor.



Figura 1 Migração Sertaneja. Fonte: flickr.com/photos/tvbrasil

O filme retrata especificamente uma família de retirantes que devido às condições precárias de vida: seca, ausência da figura masculina (pai e, posteriormente, o irmão) partem em busca de uma vida mais digna no Arraial de Canudos. A narrativa da animação é realizada pelo personagem de uma menina de cerca de dez anos de idade e faz associações da figura de Antônio Conselheiro como uma espécie de porta-voz do movimento sebastianista. Como cita Eliandra Lelli:

“A figura de D. Sebastião acaba se confundindo com a do Messias, que virá para redimir seu povo. Ao que dissemos a respeito do comportamento do povo português, podemos acrescentar que o período da história em que viveu D. Sebastião está marcado por uma séria crise sócio-econômica. Ligando os dois fatos acima arrolados, verificamos que se cria, em torno do trágico rei, a crença coletiva em soluções milagrosas e desmedidas. Acreditamos, porém, que se este mito já está tão arraigado, procurar entendê-lo e assumi-lo seria um grande passo para um país que há muito procura por sua identidade cultural”. (LELLI, 2010, p.9)

Dessa forma, o curta apresenta Canudos como um modelo de sociedade onde o esperado “salvador” viria livrar o povo das precárias condições de vida. A menina, personagem central da animação cita a todo momento que não entende os motivos do

conflito. Ela, assim como a maior dos sertanejos massacrados neste evento, não tinham a percepção dos desdobramentos políticos e econômicos deste evento histórico.

Em uma das falas citadas no texto ( conforme anexo pg.37), a menina comenta que república e monarquia seriam conceitos iguais, substantivos sinônimos, só com nomenclaturas diferentes. De acordo com o script da obra em anexo: “Meu pai não sabe o que é República, os soldados disseram que não precisava saber, podia ir com eles. Meu irmão vai consertar tudo, vai trazer nosso pai de volta. Meu avô disse que aqui República é a mesma coisa que monarquia, só muda a roupa. E que nossos reis eram todos impostores. Só Dom Sebastião é rei verdadeiro, mas esse ainda dorme no fundo do mar” ou ainda a fala: “difícil entender o que acontece, os que lá foram e os que lá não foram, sabem a mesma coisa”; reforçam a ideia que o povo humilde não reconhecia dimensão política do conflito.”

Uma intervenção que o professor de história poderia realizar em sala de aula seria levantar questionamentos sobre como o povo simples, humilde, sem instrução que compunha e, de certa forma, ainda compõe o cenário social do país posicionou-se ao longo do conflito. Discussões sobre qual o momento político que o Brasil vivenciava ( a consolidação do regime Republicano), além do papel da Igreja Católica dentro de uma sociedade ainda com ranços coloniais e profundamente hierarquizada podem ser elementos que contribuem para a construção do conhecimento histórico a partir da utilização do curta.

O professor que publicou o planejamento de aula sobre o curta O Arraial ( anexo pg. 38) não descreveu como seria aplicada a temática, nem o projeto de aula, no entanto, sugeriu a aplicabilidade do tema na Educação de Jovens e Adultos, comenta que questões como distribuição de renda, definição de conceitos como política, ética e religião podem ser desenvolvidas a partir da exibição do curta metragem preservando seu caráter anacrônico. No entanto, a partir da pesquisa realizada, a temática do curta pode ser apresentada ainda no Ensino Fundamental uma vez que a fala infantilizada da menina, a animação, enfim, a combinação de imagem, som e conteúdo contribuem para um entendimento do assunto.

## 5.4 Análise do curta Na Terra do Sol

O segundo vídeo assistido sobre esta temática foi Na Terra do Sol, de Lula de Oliveira, a obra ficcional foi produzida em 2005 e apresenta doze minutos de duração. Esta obra foi inspirada no livro Os Sertões de Euclides da Cunha, e traz um relato violento sobre os últimos sobreviventes da saga de Canudos.



Figura 2 Luta e morte em Canudos: berthofilho.blogspot.com.br

O curta metragem retrata os últimos instantes de vida de quatro sobreviventes do massacre de Canudos: um velho, um jovem e dois jagunços. O grupo acuado espera a morte chegar seja no formato do ataque das tropas republicanas ou pela sede, fome e cansaço proporcionado pelo bloqueio militar ao Arraial. Nesse quadro de desespero e caos, evidencia-se a idéia da salvação, do paraíso, através da figura de uma espécie de santa sertaneja, um conforto espiritual que livraria os inocentes dos flagelos da vida terrena.

É uma obra com imagens fortes, agressivas, que retratam todo o sofrimento do nordestino, perseguido pela seca e pela violência da destruição do Arraial que não poupou velhos, mulheres nem crianças.

O início da obra traz cenas de uma velha índia, representante dos sertanejos do lugar decadente indo buscar água, lembrando histórias de fé e também da violência do conflito. Essa imagem poderia servir incentivar uma reflexão por parte dos educandos sobre a realidade social em que vive o povo brasileiro. Questionamentos sobre como vive o sertanejo hoje, o que melhorou, quais as reais condições de vida dessas populações que mesmo após um século do conflito, ainda precisa caminhar quilômetros para saciar uma

necessidade básica do ser humano: buscar água para matar a sede. Distribuição de renda, reforma agrária, violência, questões sociais são elementos que podem ser contextualizados a partir da exibição do vídeo e contribuir para construção do conhecimento historiográfico.

Ao professora que contribui com seu projeto de aula sobre o curta Na Terra do Sol ( anexo pg.39 ) descreveu com detalhes sua aula bem como a fundamentação que a norteia, contribuindo, dessa forma, para um entendimento detalhado do processo de utilização do curta metragem.

O projeto de aula iniciou-se com a introdução do conteúdo a partir da leitura de um poema, em seguida a professora ressaltou que o enfoque disciplinar dado sobre o tema seria sob os pressupostos teóricos da geografia política tendo como pano de fundo o tema transversal da discussão ética. Após essa explanação foi relatado os objetivos da aula que inclui a utilização de diversas ferramentas midiáticas como o cinema, o rádio, além da divulgação dos trabalhos realizadas a partir do curta em ciberespaço através de blogs, redes sociais e site da escola.

Apesar de contar com um relato preciso e minucioso sobre o desenvolvimento da aula, o enfoque limitado da geografia política pode comprometer as possibilidades de discussão que o curta pode proporcionar. Temas como a questão da religiosidade, o mito em torno da figura de Antônio Conselheiro, questões sociais, também são temáticas enfatizadas no curta Na Terra do Sol.

## 6 Considerações Finais

Muitas mudanças vêm ocorrendo a partir do surgimento e da utilização das tecnologias de informação e comunicação na sociedade, cultura, economia e, principalmente, no campo educacional.

Neste contexto é preciso que o professor faça uma reflexão sobre a importância de estar constantemente atualizado, buscando novas práticas pedagógicas que possam atender os novos desafios que estão surgindo na área da educação.

Nessa busca, destacou-se a importância da utilização de diferentes tecnologias na área educacional como o cinema por exemplo. Buscou-se promover uma reflexão sobre os limites e possibilidades que o cinema pode representar na construção do conhecimento historiográfico. No caso da pesquisa em questão, foi a elaboração de conceitos sobre o evento histórico conhecido como Guerra de Canudos.

A análise desta temática ocorreu através de dois olhares diferentes, de duas produções sobre mesmo assunto dentro do acervo do projeto Curta Petrobrás. A contribuição de duas obras distintas sobre o mesmo evento possibilitou que o assunto pudesse ser contemplado sobre diferentes posicionamentos ou com dois olhares diferenciados.

Foi necessário realizar uma revisão de literatura para a legitimação da contribuição do cinema como ferramenta da construção do conhecimento historiográfica. A utilização inadequada, sem um objetivo claro por parte do professor ou simplesmente como uma mera diversão contribuiu para que se consolidasse uma postura preconceituosa e limitada sobre a utilização do cinema como ferramenta pedagógica. Ferramenta essa que, por contar com uma linguagem áudio visual, pode contribuir muito para a contextualização de determinadas temáticas.

A partir destes pressupostos, concluiu-se para toda e qualquer prática educativa se faz necessário um plano de ação que desenvolvam competências e habilidades mínimas para a utilização consciente e apropriação de todos os recursos que o cinema pode oferecer para uma prática docente contagiante e produtiva.

Desta forma, a monografia pode verificar também que a prática reflexiva é um desafio que todo professor deve almejar como uma forma e realizar seu fazer pedagógico, consciente, criterioso e de acordo com a realidade social na qual nossos educandos estejam inseridos.

## 7 Referências Bibliográficas

ARAUJO, Paulo. **Pensadores da Educação.** Disponível em: <<http://pedagogiadacultura.webnode.com.br/pensadores/>>. Acesso em: 11 nov. 2012.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação.** 21º. ed. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1988 (Coleção Primeiros Passos).

BOFF, Leonardo. **Saber cuidar: a ética do ser humano.** 9º ed. Petrópolis: Vozes 2004.

BOURDIEU, Pierre Félix. **Razões Práticas: sobre a teoria da ação.** Oeiras: Celta Editora, 1997.

BURKE, Peter. **A Escola dos Annales 1929-1989. A Revolução Francesa da Historiografia.** Editora Unesp, São Paulo. 1997.

CHAUÍ, Marilena. **Cidadania cultural: o direito à cultura.** 1ª ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2006.

**DIAZ BORDENAVE, Juan E. O que é comunicação.** São Paulo: Brasiliense, 2002.

DOMINGUES, Glauber Resende. **Cultura Cinematográfica.** Disponível em: <<http://www.revistaaleph.com/>>. Acesso em: 20 out. 2012.

DUBY, Georges. **História social e ideologia das sociedades, in História: Novos Problemas.** Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.

Ferro, Marc. **Cinema e história.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) TV.** IN: Educ. Pesqui. [online]. N.1: vol.28, 2002.

KARNAL, Leandro (org.). **Historias na sala de aula: conceitos, práticas e propostas.** São Paulo: Contexto, 2010.

LELLI, Eleandra Aparcida. **Influências do Sebastianismo.** Disponível em: <[http://www.uniabc.br/site/revista/pdfs/8\\_influencias\\_sebastianismo.pdf](http://www.uniabc.br/site/revista/pdfs/8_influencias_sebastianismo.pdf)>. Acesso em: 30 out. 2012.

MANTOAN, M.T.E. **O Processo de Conhecimento – tipos de abstração e tomada de consciência.** NIED-Memo 27. NIED-UNICAMP; Campinas, 1994.

MOCELLIN, Renato. **História e Cinema: educação para as mídias.** São Paulo: editora do Brasil, 2009.

MONTEIRO, Vanessa. **Canudos Guerras de Memórias**. Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/mosaico/?q=artigo/canudos-guerras-de-mem%C3%B3ria>>. Acesso em: 09 nov. 2012.

MYNAIO, Maria Cecília e Souza (org.) **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 5ª. Ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

NOVA, Cristiane. **A História. diante dos desafios imagéticos**. In: Revista Projeto História.2000, p. 144-145.

PEREIRA, Elaine Candida. **Audiovisuais**. Disponível em: <[http://portacurtas.org.br/curtanaescola/o\\_projeto.asp](http://portacurtas.org.br/curtanaescola/o_projeto.asp)>. Acesso em: 12 out. 2012

PRADO, M.E.B.B & VALENTE, J.A. **A Educação a Distância possibilitando a formação do professor com base no ciclo da prática pedagógica**. Em M.C. Moraes (org.) Educação a Distância: fundamentos e práticas. Campinas, SP: Nied-Unicamp, 2002, p. 27-50. Disponível no site [www.nied.unicamp.br/oea](http://www.nied.unicamp.br/oea).

PRETO, Francisco de Moura. **O filme de ficção como recurso pedagógico no ensino da história: montagem, endereçamento e estratégias de utilização**. Dissertação (Mestrado), UNESA, Rio de Janeiro, 2007.

PONTUSCHKA, Nídia, PAGANELLI, Tomoko; e CACETE, Núria. **Para Ensinar e Aprender geografia**. São Paulo, Editora Contexto 2007.

ROSENSTONE, Robert. **História em imagens, história em palavras: reflexões sobre as possibilidade de plasmar a história em imagens**. In: O Olho da História: revista de história contemporânea. Salvador, v.1, n.5 1998. p.105-116

SACRISTAN, J.G.; GOMEZ, A. I. Perez. **Compreender e transformar o ensino**. Porto Alegre: Artmed, 1998. p.62

SANCHIS, Isabelle de Paiva; MAHFOUD, Miguel. **Interação e construção: o sujeito e o conhecimento o construtivismo de Piaget**. Disponível em: <<http://www.cienciasecognicao.org/pdf/v12/m347195.pdf>>. Acesso em: 13 out. 2012.

SILVA, Roberta Damasco da. **Cristianismo Primitivo**. Disponível em: <<http://cpantiguidade.files.wordpress.com/2009/07/cristianismo-primitivo3.pdf>>. Acesso em: 30 out. 2012.

SOARES, Ismar de Oliviera. **Alfabetização e educomunicação**. Disponível em: <<http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/89.pdf>>. Acesso em: 13 out. 2012.

SOARES, Ismar de Oliviera. **Educomunicação: o conceito, o profissional a aplicação**. São Paulo: Paulinas, 2011.

SODRÉ, Muniz. **O ethos midiaticizado. In: Antropologia do Espelho. Por uma teoria da comunicação linear e em rede.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

VALENTE, J.A. **A espiral da aprendizagem e as tecnologias da informação e comunicação: repensando conceitos.** Em M.C. Joly (ed.) Tecnologia no Ensino: implicações para a aprendizagem. São Paulo: Casa do Psicólogo Editora, 2002a, p. 15-37.

VALENTE, J.A. **Aprendizagem por projeto: o fazer X o compreender.** Artigo não publicado da Coleção Série Informática na Educação – TV Escola, 2002b. Disponível no site: <http://www.proinfo.mec.gov.br>.

VALENTE, J.A. **Diferentes abordagens de Educação a Distância.** Artigo Coleção Série Informática na Educação – TV Escola, 1999b. Disponível no site: <http://www.proinfo.mec.gov.br>.

VALENTE, J.A. **Por que o computador na educação?** Em J.A. Valente, (org.) Computadores e Conhecimento: repensando a educação. Campinas: Gráfica da UNICAMP, 1993, p. 24-44.

Villa, Marco Antônio. **Canudos: o povo da terra.** 2ed. São Paulo: Ática, 1997.

## 8 Anexos

### 8.1- Curta O Arraial

No sertão da Bahia, no final do século XIX, milhares de famílias flageladas pela seca deixaram suas terras e foram para o Arraial Santo de Belo Monte de canudos, levadas pela promessa de salvação do Profeta Antônio Conselheiro. Reprimido pelas forças da recém instaurada República, O Arraial de canudos resistiu por quatro longos anos até ser dizimado no ano de 1897.

Otto Desenhos Animados

Governo do Estado do Rio Grande do Sul

Ulli Moeller

Film Produktion

ZPF (Zweites Deutsches Fernsehent das Kleine Fernsehspiel

### **FICHA TÉCNICA**

Curta- Metragem 35mm – 14 min

Porto Alegre / 1997

Produção Otto Guerra

Roteiro Adalgisa Luz

Edição Otto Guerra & Adalgisa Luz

Direção de Arte Paula Mastroberti, Eloar Guazzelle

Animação L. Santos, A. Miaki, A. Liebman & Kyoko Yamashita

Trilha original Elomar Figueira, João Omar

## TRANSCRIÇÃO DO ROTEIRO

VOZ DA MENINA:

As Três Marias formam o cinturão de Órion, o guerreiro, para nós, ele está de cabeça para baixo, porque foram os povos do hemisfério norte que descobriram esta constelação.

Meu avô sabia o nome das estrelas, as histórias dos guerreiros, cruzados e cavaleiros.

A história que meu avô mais contava é a de Dom Sebastião, que era rei de Portugal e queria lutar por Jesus Cristo: “Guardai, padre, esta espada”, ele disse, “porque um dia me hei de valer dela com os mouros, metendo pela África adentro”. Dom Sebastião era um guerreiro como Órion, só que de cabeça para cima.

Partiu, afundou, encobriu-se e o povo começou a morrer de tristeza, só desejando que ele voltasse. Então disseram: “Um dia, no fundo do mar, voltará com todo o seu exército” Dom Sebastião, rei de Portugal, do Brasil e do sertão.

Meu irmão tem os olhos verdes, nunca disse uma palavra. É mudo, ele vai atrás do nosso pai que foi embora com os soldados da república que passaram por aqui.

Meu pai não sabe o que é República, os soldados disseram que não precisava saber, podia ir com eles.

Meu irmão vai consertar tudo, vai trazer nosso pai de volta.

Meu avô disse que aqui República é a mesma coisa que monarquia, só muda a roupa. E que nossos reis eram todos impostores. Só Dom Sebastião é rei verdadeiro, mas esse ainda dorme no fundo do mar.

Vai ser difícil deixar a nossa casa. Minha mãe é muito apegada. E também pode ser que

Dom Sebastião venha, mas também pode ser que ele não venha. Antônio Conselheiro, que é verdadeiro profeta, diz que vem, e tá construindo a cidade santa de Belo Monte de Canudos para esperar por Dom Sebastião e Jesus.

O povo diz que lá os cavalos comem flores, corre um rio de leite e as barrancas são de broa de milho e mel. Lá é a fartura e a justiça, deve ser.

Só ossada branca pelo chão, tudo seco.

Minha mãe decidiu que nós também vamos pra Belomonte. Quando meu pai e meu irmão voltarem vão saber que nós fomos com os peregrinos, se não der pra viver, nós salvamos as almas.

“Santo Anjo do Senhor, meu zeloso guardador”, faz com que Dom Sebastião acorde do seu sono no fundo do mar, que ele saiba que nós sonhamos com ele e esperamos que ele volte.

“Sempre me rege, me guarda, me governa, ilumina, amém.”

Mintaka, Alnila, Almintaka era o nome mouro das “Três Marias”. Talvez Dom Sebastião não devesse ter ido atacar os mouros que inventaram o nome para as estrelas. Êta, confusão. Os soldados atacaram Belo Monte. É muito soldado. E os jagunços se multiplicando pra defender o profeta. Difícil entender o que acontece, os que lá foram e os que lá não foram, sabem a mesma coisa.

Do outro lado do céu está o escorpião, com suas sete estrelas incandescentes e seu ferrão em fogo, que foi mandado para matar o guerreiro.

#### LOCUÇÃO – VOZ DE ANTÔNIO CONSELHEIRO:

“Em verdade voz digo:

Quando as nações brigam com as nações, o Brasil com o Brasil, a Inglaterra com a Inglaterra, a Prússia com a Prússia, das ondas do mar, Dom Sebastião sairá com todo o seu exército. Desde o princípio do mundo que encantou com seu exército e o destituiu em guerra, e quando encantou-se, afincou a espada na pedra, ela foi até os copos e ele disse: Adeus mundo: Até mil e tantos à dois mil não chegarás!

Neste dia, quando sair com seu exército tira à todos no fio da espada deste papel da República. O fim desta guerra se acabará na santa casa de Roma e o sangue há de ir até a Junta Grossa.”

#### VOZ DA MENINA:

“Em 1896 há de rebanhos mil correr da praia para o sertão. Então o sertão virará praia e a praia virará sertão. Em 1897 haverá muito pasto e pouco rastro, e um só pastor, e um só rebanho. Em 1898 haverá muitos chapéus e poucas cabeças, em 1899 ficarão as águas... em sangue, e o planeta há de aparecer no nascente com raio de sol que o ramo se confrontará

na Terra e a Terra em algum lugar se confrontará no céu, há de chover uma grande chuva de estrelas e aí, será o fim do mundo. Em 1900 se apagarão as luzes...”

Mas o escorpião nunca alcançará o guerreiro. Quando o escorpião nasce de um lado do céu, Órion desaparece do outro.

## **PLANO DE AULA**

Autor: Thiago Cruz

Componente Curricular: Educação de Jovens e Adultos, Ensino Fundamental I, Ensino Fundamental II, Ensino Médio, Formação de Educadores

Disciplina: Ciências Sociais, História

Faixa Etária:

de 14 a 18 anos

Introdução:

Um dos primeiros grandes desafios da recém proclamada república brasileira, a Guerra de Canudos é um movimento multicausal que revela diversas questões sociais presentes no final daquele século. O Arraial é o bonito relato de uma criança de como tudo isso impacta a sua vida e a da sua família, mesmo que muitos deles não compreendam toda a dimensão do que estava ocorrendo. Ótimo mote para que sejam colocados pontos como distribuição de renda, relações entre política e religião e reforma agrária, ainda relevantes mais de um século depois das pregações de Antônio Conselheiro.

## 8.2- Curta na Terra do Sol

### FICHA TÉCNICA

Produção Adler Paz

Fotografia Pedro Semanovischi

Roteiro Lula Oliveira, Dênisson Padilha

Som Direto Nicholas Hallet

Direção de Arte Henrique Dantas

Empresa(s) produtora(s) Docdoma Filmes

Edição de som Rodrigo Azuerta

Produção Executiva Solange Lima

Montagem Bau Carvalho

Música Marcos Vaz

### PLANO DE AULA

Autor:	<u>Marilene Lima</u>
Curricular:	Ensino Médio
Disciplina:	História
	a partir de 14 anos
Faixa Etária:	

Introdução:

O interesse fabricou carimbos.

O ódio à toa levantou paredes.

A baioneta desenhou fronteiras.

A estupidez nos separou em bandeiras.

Raices de América

Através do curta, inspirado em "Os Sertões" de Euclides da Cunha, percebe-se que, na luta por hegemonia, os homens não percebem sua pequenez diante da mãe terra e a estão desbravando de forma desordenada e confusa. Talvez como reflexo de sua própria condição de seres errantes que são. Como fato histórico o episódio de Canudos é largamente trabalhado na educação básica, resta trabalhá-lo como embate acirrado pela

luta por poder, pelo poder do homem sobre o homem.

Nossa proposta é que se trabalhe a situação de Canudos, que dizimou 25 mil nordestinos do sul da Bahia, a partir da abordagem da geografia política, com a transversalidade da ética.

Para tanto, faz-se necessário a distinção entre os dois conceitos:

Política e ética são dois complexos sociais inteiramente distintos. A primeira tem por função social o exercício do poder dos homens sobre os homens imprescindível à reprodução nas sociedades de classe. É com o surgimento do trabalho excedente, da exploração do homem pelo homem, da propriedade privada, das classes sociais, do Estado e do casamento monogâmico que a política faz sua entrada na cena história (...). A ética atende a uma função radicalmente distinta da política. Todo processo social, seja ele mais universal ou mais particular, tem nos atos humanos singulares, de indivíduos concretos (historicamente determinados), seus elementos básicos. Tais atos possuem sempre uma dimensão de escolha entre necessidades a serem atendidas através de possibilidades - possibilidades e necessidades historicamente construídas. Entre outras coisas, esta relação entre os atos singulares e a totalidade social requer, com necessidade absoluta, que sejam avaliadas tanto as escolhas quanto as conseqüências da sua objetivação. É para atender a esta necessidade de avaliação que surgem os complexos valorativos, entre eles a ética e a moral. (Lessa).

Uma educação humanista, calcada nos preceitos éticos e voltada para a felicidade e o bem-estar do homem deve levá-lo a repensar sua posição ante as mudanças de ordem social, ecológica e psicológica a que estão sujeitos, olhando o universo com olhos de congregação nos âmbitos: social, ambiental e individual (Branco, 2007).

Objetivos:

Que os jovens:

- \* o entrem em contato com a noção de responsabilidade ética de todo ser humano quanto à manutenção do meio ambiente;
- \*o percebam e reflitam que um dos grandes desafios de nosso tempo é a ocupação consciente e harmônica da terra e dos espaços sociais;
- \* percebam a importância de divulgar seu conhecimento adquirido através de produção que extrapole a sala de aula.

Situação Didática:

Fases do Trabalho:

1. Apresentação do curta "Na Terra do sol"
2. Fruição: audição das músicas: "Sobradinho" e "Terra"
3. Roda da Conversa: Reflexão sobre a importância da natureza física para a vida do ser humano e de todos os seres vivos e deste para a sua manutenção
4. Reflexão sobre a necessidade de o homem exercer poder sobre o próprio homem e os

resultados drásticos para sua espécie, seu mundo social e natural, a partir das músicas: "O doce e o amargo" e "Fruto do suor"

5. Criação litero-poética e/ou artística sobre o tema: "A necessidade de poder do homem sobre o homem"

6. Divulgação da produção no ciberespaço e acesso à comunidade escolar e do entorno através deste ou outro suporte.

#### Orientações Didáticas:

Tal abordagem se deve à necessidade de alertar os jovens para o fato de o homem, em sua ânsia de exercer poder sobre o próprio homem, menosprezar a si próprio, o próximo e a natureza. Assim, podemos trabalhar a música "Sobradinho" dizendo que o sertão vai virar mar, e a música "Terra" de Caetano, que nos lembra da grandiosidade de nosso espaço, não só físico como em magnitude e conclama o homem a respeitá-la, como também ao seu próximo, os demais seres vivos e a si próprio. Na seqüência, pode-se ampliar tal visão através das músicas "O doce e o amargo" e "Fruto do suor", levando o jovem a uma compreensão crescente acerca da construção de sua sociedade e reflexão sobre o papel do homem como produtor social, cultural e natural.